



# 2007

## Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

### ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

[14.04.2007](#) – Dia Nacional do Combatente

[12.06.2007](#) – Inauguração de Monumento em Oliveira do Bairro

[26.06.2007](#) – Inauguração de Monumento na Lourinhã

[30.06.2007](#) – Inauguração do Ossário e Lápide no Cemitério de Borba

[11.07.2007](#) – Assinatura de Memorando de Entendimento com a ACUP

[15.08.2007](#) – Inauguração de Monumento aos Combatentes, em Manteigas

[12.10.2007](#) – Memorando de Entendimento ANPG/LC

[20.10.2007](#) – 84.º Aniversário da Liga dos Combatentes

[15.12.2007](#) – 84.º Aniversário do Núcleo de Castelo Branco e Inauguração de Monumento

[20.12.2007](#) – Mensagem de Natal

## DIA NACIONAL DO COMBATENTE

14 de abril de 2007

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. senhor Ministro da Defesa Nacional.

Digna-se V. Exa. presidir a esta cerimónia evocativa do Dia do Combatente que, há quase nove décadas, os combatentes vêm anualmente promovendo neste simbólico monumento nacional da Vitória, na Batalha. Fá-lo V. Exa. com a companhia política do Senhor Presidente da Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República e do Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional e Assuntos do Mar.

Os combatentes agradecem reconhecidos a presença de V. Exas.

Presença que vem na linha histórica destas cerimónias, onde contámos sempre com a estimulante companhia dos mais altos representantes do poder político, senhores Presidentes da República, Primeiros-ministros, Ministros da Defesa Nacional ou Secretários de Estado, independentemente do regime ou do partido que governe Portugal.

Tem sido essa presença, o reconhecimento político de Governos e Assembleia da República de que os cidadãos que aqui se vêm reunindo há longos anos e os milhares de idêntica condição que se encontram espalhados pelo país e pelo mundo, estiveram, em momentos da sua vida, acima de tudo e de todos, de armas na mão, em missões vitais para o país, arriscando ou dando a vida na defesa de Portugal e dos portugueses.

Regozijamo-nos ao assinalar igualmente a estimulante presença das mais altas Chefias das Forças Armadas.

Senhor General CEMGFA, Senhor Almirante CEMA. Senhor General CEME e Senhor General CEMFA, permitam-me que reveja em V. Exas. hoje, neste Dia do Combatente, todos os Comandantes que ao longo da História das nossas Forças Armadas e das nossas vidas, nos comandaram, nos orientaram, nos formaram na escola dos valores, nos compreenderam, connosco sofreram as vicissitudes e partilharam as virtudes da condição militar, em tempo de paz, de guerra ou conflito, enfim nos aplicaram justiça e disciplina, louvando ou punindo.

Revejo em V. Exas. os comandantes das mesmas Forças Armadas que sempre foram e serão capazes de ocupar e conduzir a defesa militar do território nacional, garantir a integridade e independência nacionais, nas fronteiras dos interesses vitais de Portugal, quer elas passem por Caminha, Chaves, Vilar Formoso, Elvas ou Lagos, Lisboa, Porto Santo ou Corvo, quer passem pela Bósnia, Kosovo, Afeganistão, Líbano ou Timor.

Permitam-me ainda Senhor Ministro da Defesa Nacional e Senhores Generais e Almirante Chefes de Estado-maior que neste dia em que pela primeira vez se associam aos combatentes, em cerimónia oficial, nas atuais funções, os felicite e dê relevo à vossa condição de Vogais de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, a que se digna presidir, como Presidente de Honra, sua Exa. o Presidente da República.

Exmo. Senhor General António Ramalho Eanes

Acedeu V. Exa. aceitar o especial convite para proferir uma alocução na Sala do Capítulo, junto ao Túmulo do Soldado Desconhecido.

Junta-se assim V. Exa. a outros portugueses ilustres que ao longo dos anos aqui têm proferido verdadeiras orações de homenagem ao anónimo cidadão português feito soldado, caído em combate por Portugal.

É uma honra ter hoje connosco não só o chefe militar ilustre e combatente, membro Honorário da Liga dos Combatentes, mas também o militar que em momentos difíceis da vida recente do país, arriscou influenciar a História, que foi CEME e CEMGFA em situação difícil do país democrático, que foi depois eleito por duas vezes Presidente da Republica Portuguesa, com o carisma inconfundível da competência, da honestidade e do rigor.

Mas também do cidadão cuja humildade o levou recentemente a apresentar a sua tese de doutoramento e como Doutor ser reconhecido.

É V. Exa. uma referência nacional, cujo saber e experiência o país não pode esquecer ou desperdiçar. Mas é também uma referência da generalidade dos combatentes e dos militares, que veem em V. Exa. o seu Marechal vivo.

Obrigado por ter vindo, como combatente.

Exmo. Senhor Bispo das Forças Armadas e de Segurança

Ex.<sup>ª</sup> Reverendíssima

Um profundo agradecimento dos Combatentes por neste Dia do Combatente mais uma vez se ter dignado estar presente e presidido às cerimónias religiosas, aliás como vem fazendo desde que assumiu as suas funções de Bispo castrense.

Ilustres Convidados

Em nome da Liga dos Combatentes e das Associações de Combatentes aqui presentes os nossos sinceros agradecimentos por se dignarem estar connosco, nas comemorações do 89 Aniversário da Batalha de La Lys e na 71ª Romagem dos combatentes ao Tumulo do Soldado Desconhecido.

Combatentes do passado e do presente. Neste dia Comemorativo. Em vós invoco as Missões Cumpridas. Em vós estímulo a Memória Partilhada. Memória partilhada entre os que perfilham os mesmos ideais ou ideais diferentes e entre os que tendo estado ontem frente a frente estão hoje lado a lado. Decorrem este ano precisamente 200 anos, sobre o ano 1807, ano em que Portugal, um país livre, era retalhado e distribuído em fatias nos gabinetes políticos e tratados de potências de então e cujos planos uma invasão militar do território nacional, quis concretizar. Quatro anos depois, apoiados por aliados, os Combatentes por Portugal, com mais de cinco mil mortos e mais de duas dezenas de milhares de feridos permitiam que se gritasse: Missão Cumprida.

Há noventa anos, 1917, junto de aliados, aos combatentes por Portugal era exigido no centro da Europa e em Africa a participação na I Grande Guerra Mundial. Dois anos depois, não obstante milhares de mortos e feridos, voltámos a gritar junto ao Arco do Triunfo: Missão Cumprida. Não sem que tivéssemos sofrido cerca de dez mil mortos e milhares de feridos, Missão Cumprida gritámos quando após catorze anos de guerra em África, em três frentes, e sem quaisquer apoios aliados, garantimos tempo estratégico ao poder político o que, uma vez não aproveitado, deu

origem ao 25 de Abril, onde mais uma vez os combatentes por Portugal gritaram: Missão Cumprida.

Recentemente e após 11 anos na Bósnia em operações de paz foi pelo senhor Presidente da Republica e pelo Senhor Ministro da Defesa Nacional mais uma vez politicamente reconhecida a Missão Cumprida, por parte dos combatentes das Forças Armadas que naquelas participaram. É esse espírito de Missão que sempre norteou e norteia os Combatentes e lhes dá um sentimento de determinação antes de a cumprir e uma profunda tranquilidade de consciência ao terminá-la que hoje aqui queremos enaltecer e homenagear.

São esses cidadãos militares, que ontem na Europa, na Ásia ou em África, hoje em todos os Teatros de Operações onde cumpriram ou cumprem missões internacionais, foram e são considerados e apontados como os melhores soldados do mundo, que justificam que, com orgulho, comemores hoje mais um Dia do Combatente. Não importa que os cenários a enfrentar sejam de destruição quase sem limite, que o adversário a enfrentar seja um monstro com ou sem estado ou um exército privado sem território, determinado na nossa destruição. É nessas circunstâncias, ou semelhantes, que se apela sempre, com esperança e como última resposta, às Forças Armadas e aos seus combatentes. Por isso a sua organização e os meios à sua disposição e a sua preparação não podem iludir a última esperança de um povo que sempre nelas e neles acredita.

Hoje, como ontem, eles querem poder responder: Presente.

Presente, para responder sempre que é necessário servir. E servir Portugal.

Presente para apoiar enaltecer e homenagear, os que sobrevivem e os que dão a vida e em relação aos quais tudo fazemos para que não sejam esquecidos.

Por isso aqui recordo hoje:

- A primeira baixa mortal da Grande Guerra: Soldado António Gonçalves Curado, caído na 1.ª linha a 4 de abril de 1917, hoje no talhão dos combatentes de Vila Nova da Barquinha;
- A primeira baixa mortal da guerra em África 61/74, o 1º cabo Joaquim de Oliveira e Silva, caído na casa de reclusão em Angola, a 4 de fevereiro de 1961, hoje no cemitério de Santa Ana de Luanda;
- A primeira baixa em Missões de Paz e Humanitárias, em Angola o soldado para-quedista Fernando Sérgio da Silva Teixeira, a 30 de novembro de 1992, hoje em Vila do Conde.

Estes, como tantos outros, sabemos quem são, onde e como morreram e onde se encontram. Dentro de momentos homenagearemos os que não sabemos quem são, onde e como morreram e onde se encontram. Mas estão igualmente e sempre, connosco.

Senhores Presidentes das Associações de Combatentes Caros Combatentes

Neste nosso dia comemorativo apelo também à nossa união de esforços. Como Presidente da Liga dos Combatentes assumo, solenemente, a disponibilidade da Liga dos Combatentes para o estudo e criação de uma União dos Combatentes por Portugal, com o objetivo de propor, lutar e reivindicar soluções para os diferentes problemas inerentes à situação dos antigos combatentes, congregando os interesses comuns de todas as Associações de Combatentes e salvaguardando a identidade própria de cada uma e da lei.

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Permitam-me que termine com o meu agradecimento a todos os que nos deram a honra da sua presença. Que termine esta minha homenagem a todos os combatentes vivos, neste nosso Dia do Combatente, e cante a todos os que caíram:

*Queda na Bósnia  
Caia-se onde se cair  
Caia-se como se cair  
A Queda é de tão Alto  
Que se tem tempo de sorrir.*

*Caia-se onde se cair  
Caia-se como se cair  
Os Valores por que se cai  
São Almofada de dormir.*

*Caindo a sorrir em sono eterno  
Ao serviço da Paz e do Amor  
Mesmo que no último momento fraterno  
O sorriso dê lugar a enorme dor*

*Caia-se onde se cair  
Caia-se como se cair  
Dos Valores por que se cai  
Ergue-se um Portugal Maior.*

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR EM OLIVEIRA DO BAIRRO

12 de junho de 2007

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhores:

Presidente da Câmara de Oliveira do Bairro

Comandante da Região Militar do Norte

Presidentes das Juntas de Freguesia

Presidentes de Núcleos da Liga dos Combatentes

Ilustres Autoridades Cívicas e Militares

Minhas Senhoras e meus Senhores

Caros Combatentes

Oliveira do Bairro, terra emergente de uma impressão coletiva, especialmente determinada por condições diversas, constitui-se numa peça importante do complexo xadrez deste quadrilátero da região bairrada.

Hoje homenageamos, de maneira simples, mas profunda e duradoura, nesta terra da Bairrada, os Homens e Mulheres de Oliveira que ao longo da História, lutaram, alguns com o sacrifício da vida, e outros ainda lutam, pelos interesses vitais da sua Terra, da sua Nação e da sua Pátria.

Mais um Padrão se eleva em solo português.

Mais um monumento enriquece o património histórico e cultural de Portugal.

Mas quando o simbolismo e significado do ato, por mais local e regional que seja, resulta de um sentimento nacional, sendo consequência de factos que marcaram profundamente a vida de todos os portugueses, estamos perante um ato de pura lucidez, de puro reconhecimento que se quer prestar aos construtores desse passado e de exemplo que se quer transmitir aos portugueses de hoje e do futuro.

Por maior imaginação ou arte que o artista tenha no passar ao concreto, aquilo que vai na alma de cada um dos participantes nesses feitos de armas e que, em alguns desses participantes é visível no próprio corpo e noutros na própria vida, todos os padrões são iguais e grandes na finalidade e na intenção.

Dizia Adriano Moreira na inauguração do monumento aos Mortos do Ultramar, em Belém, e cito “Talvez nesta cerimónia, destinada a honrar os combatentes da guerra do ultramar português, fosse apropriado fazer ouvir apenas os clarins. Mas é costume antigo que os cidadãos procedam a cerimónias públicas em honra dos que combateram na guerra, erguendo a bandeira da Pátria”.

Já o comandante supremo grego Péricles, no seu discurso em honra dos mortos na guerra, afirmava perante todos os combatentes vivos: “A maioria dos que aqui estão neste momento pronunciaram discursos neste lugar, fez o elogio deste costume antigo de honrar, ante o povo, aqueles combatentes que morreram na guerra, mas a mim me parece que, as solenes exéquias que celebramos hoje, são o maior elogio daqueles que, pelo seu heroísmo, as mereceram”.

Mas esta cultura humanista europeia, tão antiga como formativa e respeitadora da história, parece ainda não ter inspirado alguns comentadores portugueses que vêm nestas cerimónias,

aquilo a que chamam “revivalismo colonialista”, afirmando mesmo que não houve heróis entre nós e que fomos todos vítimas.

Já temos afirmado que o mundo e Portugal estão repletos de monumentos aos combatentes. Não conhecemos, por maior respeito que nos mereça a deserção consciente, nenhum monumento aos desertores.

Por sermos combatentes e portugueses, aqui estamos hoje neste lugar e com esta finalidade. Porque nos não correu a última gota de sangue a alimentar esse rio vermelho da guerra, aqui estamos hoje com o mais profundo respeito e apreço, a homenagear e a perpetuar a memória daqueles que acabaram por fazê-lo.

Conhecemos e vivemos as mesmas circunstâncias de guerra e de paz que a uns deu a morte e a outros conservou a vida para dos acontecimentos darem testemunho e não deixarem deturpar a história.

Dando a este momento o significado profundo que ele encerra e ao monumento, a missão singular de perpetuar, no tempo, este nosso sentimento, que é, estamos profundamente convencidos, o da generalidade dos portugueses.

A nossa presença neste dia em Oliveira do Bairro e a de todos os que, desejando aqui estar hoje, o não puderam fazer, está assim plenamente justificada e enche-nos de honra e de orgulho por dele podermos partilhar.

É que aqui, como no Portugal mais profundo, centenas de milhares de portugueses, cidadãos fardados, serviram as Forças Armadas, pegando em armas para cumprimento de uma decisão política, na defesa do que esta considerou serem, os interesses vitais do país. Tal como acontece nos dias de hoje.

Oliveira do Bairro junta-se, assim, a mais duas centenas de sítios portugueses onde se elevam padrões deste género e deve por isso sentir-se honrada e orgulhosa. É importante que se reafirme que em qualquer guerra, nomeadamente na guerra subversiva que enfrentámos, a vitória é mais difícil, se não empregarmos numa mão a espada e na outra o arado.

Por isso estas cerimónias têm sempre esse cunho, de abranger no espírito da homenagem, todos aqueles que contribuíram para o cumprimento da missão a que Portugal se propôs. Tenham pegado na espada ou no arado.

Ao senhor Presidente da Câmara de Oliveira do Bairro e à sua equipa, o Presidente da Liga dos Combatentes, em nome dos combatentes em geral, agradece esta marcante iniciativa. Iniciativa que pretendendo dar ao conceito de combatente o seu significado mais abrangente, enaltece o estado de alma, o estado de espírito que qualquer português deve incorporar na sua atitude perante a vida, ou seja a busca permanente da vitória, seja em que circunstâncias o tenha feito ou tiver que o fazer.

A Liga dos Combatentes recebeu da Comissão dos Monumentos da Grande Guerra através de diploma legal, a partir de 1936, a responsabilidade institucional e moral de garantir a permanente dignidade dos monumentos erigidos em honra dos mortos pela Pátria.

Assim tem feito ao longo dos anos e continuará a fazer.

Fazemos votos para que este monumento seja a partir de hoje, um monumento vivo e aqui se transmita aos vindouros de Oliveira do Bairro e à sua juventude, os feitos dos seus antepassados.

Aos combatentes e cidadãos do Conselho e aos seus legítimos representantes aqui deixamos essa tarefa que desejamos partilhar em comum: honrar os combatentes mortos e apoiar os combatentes vivos, trabalhando em permanência pela sua dignidade e pela garantia do respeito que merecem.

Se honraram a Pátria que a Pátria os contemple.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general



## INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR NA LOURINHÃ

26 de junho de 2007

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhores  
Presidente da Câmara Da Lourinhã  
Comandante do Pessoal do Exército  
Presidentes das Juntas de Freguesia  
Presidentes de Núcleos da Liga dos Combatentes  
Ilustres Autoridades Cívicas e Militares  
Minhas Senhoras e meus Senhores  
Caros Combatentes

Lourinhã, terra antiga que recebeu carta de foro do rei conquistador, aqui está hoje, cidade em progresso assente neste plano inclinado, rodeado de colinas e aberto a NO por largo vale que nos leva até ao mar.

Hoje, aqui homenageamos, de maneira simples, mas profunda e duradoura, nesta terra da Estremadura, os Homens e Mulheres da Lourinhã que ao longo da História, lutaram, alguns com o sacrifício da vida, e outros ainda lutam, pelos interesses vitais da sua Terra, da sua Nação e da sua Pátria.

Mais um Padrão se eleva em solo português.

Mais um monumento enriquece o património histórico e cultural de Portugal.

No último mês o mesmo se verificou na Maia, em Ponta Delgada, Vila Praia de Âncora, Santar, Coimbra, Pisões e Oliveira do Bairro, continuando a manifestar-se em todo o país, de maneira objetiva, o que, a este respeito, vai no sentir das populações.

O simbolismo e significado deste ato, por mais local e regional que seja, resulta, pois, de um sentimento nacional que perdura, sendo consequência de factos que marcaram profundamente a vida de todos os portugueses.

Estamos assim perante um ato de pura justiça, de puro reconhecimento do povo e dos seus representantes, que se quer prestar aos construtores desse passado e de exemplo que se quer transmitir aos portugueses de hoje e do futuro.

Por maior imaginação ou arte que o artista tenha no passar ao concreto, aquilo que vai na alma de cada um dos participantes nesses feitos de armas e que, em alguns desses participantes é visível no próprio corpo e noutros na própria vida, todos os padrões são iguais e grandes na finalidade e na intenção

Dizia Adriano Moreira na inauguração do monumento aos Mortos do Ultramar, em Belém, e cito “Talvez nesta cerimónia, destinada a honrar os combatentes da guerra do ultramar português, fosse apropriado fazer ouvir apenas os clarins. Mas é costume antigo que os cidadãos procedam a cerimónias públicas em honra dos que combateram na guerra, erguendo a bandeira da Pátria”.

Já o comandante supremo grego Péricles, no seu discurso em honra dos mortos na guerra, afirmava perante todos os combatentes vivos: “A maioria dos que aqui estão neste momento

pronunciaram discursos neste lugar, fez o elogio deste costume antigo de honrar, ante o povo, aqueles combatentes que morreram na guerra, mas a mim me parece que, as solenes exéquias que celebramos hoje, são o maior elogio daqueles que, pelo seu heroísmo, as mereceram”. Mas esta cultura humanista europeia, tão antiga como formativa e respeitadora da história, parece ainda não ter inspirado alguns comentadores portugueses que veem nestas cerimónias, aquilo a que chamam “revivalismo colonialista”, afirmando mesmo que não houve heróis entre nós e que fomos todos vítimas.

Para os desmentir e por sermos combatentes e portugueses, aqui estamos hoje neste lugar e com esta finalidade. Porque nos não correu a última gota de sangue a alimentar esse rio vermelho da guerra, aqui estamos hoje, mais uma vez, com o mais profundo respeito e apreço, a homenagear e a perpetuar a memória daqueles que acabaram por fazê-lo.

Conhecemos e vivemos as mesmas circunstâncias de guerra e de paz que a uns deu a morte e a outros conservou a vida para dos acontecimentos darem testemunho e não deixarem deturpar a história. Dando a este momento o significado profundo que ele encerra e ao monumento, a missão singular de perpetuar, no tempo, este nosso sentimento, que é, estamos profundamente convencidos, o sentimento da generalidade dos portugueses.

A nossa presença neste dia na Lourinhã e a de todos, enche-nos de honra e de orgulho por dele podermos partilhar.

É que daqui, como do Portugal mais profundo, centenas de milhares de portugueses, cidadãos fardados, serviram as Forças Armadas, pegando em armas para cumprimento de uma decisão política, na defesa do que esta considerou serem, os interesses vitais do país. Tal como acontece no cumprimento das missões militares, nos dias de hoje.

Lourinhã junta-se, assim, a mais duas centenas de sítios portugueses onde se elevam padrões deste género e deve por isso sentir-se honrada e orgulhosa. É importante que se reafirme que em qualquer guerra, nomeadamente na guerra subversiva que enfrentámos, a vitória é mais difícil, se não empregarmos numa mão a espada e na outra o arado. Por isso estas cerimónias têm sempre esse cunho, de abranger no espírito da homenagem, todos aqueles que contribuíram para o cumprimento da missão a que Portugal se propôs. Tenham pegado na espada ou no arado ou nos dois em simultâneo.

Ao senhor Presidente da Câmara da Lourinhã e ao grupo de combatentes que apoiaram o erguer deste monumento, ao escultor e arquiteto, o Presidente da Liga dos Combatentes, em nome dos combatentes em geral, agradece esta marcante iniciativa. Iniciativa que pretendendo dar ao conceito de combatente o seu significado mais abrangente, enaltece o estado de alma, o estado de espírito que qualquer português deve incorporar na sua atitude perante a vida, ou seja, a busca permanente da vitória, seja em que circunstâncias o tenha feito ou tiver que o fazer. E honrar aqueles que o fizeram.

A Liga dos Combatentes recebeu da Comissão dos Monumentos da Grande Guerra através de diploma legal, a partir de 1936, a responsabilidade institucional e moral de garantir a permanente dignidade dos monumentos erigidos em honra dos mortos pela Pátria.

Seja qual for a entidade que o tenha erigido.

Assim tem sido ao longo dos anos e continuará a ser.

Fazemos votos para que este monumento seja a partir de hoje, um monumento vivo e aqui se transmita aos vindouros da Lourinhã e à sua juventude, os feitos dos seus antepassados.

Aos combatentes e cidadãos do Conselho e aos seus legítimos representantes aqui deixamos essa tarefa que desejamos partilhar em comum: honrar os combatentes mortos e apoiar os combatentes vivos, trabalhando em permanência pela sua dignidade e pela garantia do respeito que merecem.

Se honraram a Pátria que a Pátria os contemple

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## NA INAUGURAÇÃO DO OSSÁRIO E DESCERRAMENTO DE LÁPIDE NO CEMITÉRIO DE BORBA

30 de junho de 2007

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Borba  
Exmas. Autoridades Cíveis e Militares  
Senhor Presidente do Núcleo de Estremoz da Liga dos Combatentes

Permitam-me V. Exas. que em nome dos combatentes em geral e dos combatentes membros da Liga dos Combatentes em particular, felicite o município de Borba e as suas gentes, na pessoa do Senhor Presidente da Câmara, pelo conjunto de homenagens que hoje decidiu fazer aos combatentes que, nascidos no conselho, caíram por Portugal, no final do último século.

Homenagens que deixam uma marca de dignidade no ossário há pouco inaugurado e de perenidade nesta lápide nominativa dos que caíram.

Nesta terra, oásis na dureza alentejana, onde a alvura dos mármoreos aprofundam a alvura e a pureza do espírito alentejano, terra portuguesa pelas mãos de D. Afonso II há quase 800 anos (1217) e que foi palco de uma das batalhas decisivas da história de Portugal, aprofundou-se hoje o culto pelos valores da vida depois da morte, o culto pelos que deram a vida na situação extrema de guerra, em defesa dos valores vitais do seu país.

Conhecemo-los. Sabemos o seu nome. São deste Concelho. São desta Terra. Terra de Montes Claros. Terra da Senhora da Vitória, da Senhora das Neves ou de S. Bartolomeu. Terras da Serra de Borba ou da Serra d' Ossa.

Hoje inscrevemos o seu nome na pedra da História de Portugal.

Fazemo-lo no alvo esplendor da alva pedra que os viu nascer e com a qual conviveram lado a lado, desde "o cunhal de parede, a moldura de porta ou de janela, o degrau ou portal de escada, a letreiro de rua ou de lareira da mais humilde casa que não seja de mármore... nas soleiras, nos alisares, nas chaminés ou nas ermidas".

Assim damos ênfase a um sentimento de respeito e de intimidade que estão connosco porque nos são familiares ou vivemos os acontecimentos, mas que queremos estejam também com os vindouros, porque sentimos que estes homens Grandes de Borba e de Portugal o merecem.

E é importante para nós combatentes que como eles vivemos e ultrapassámos inúmeras dificuldades, vemos reconhecido pela sociedade civil e pelas autoridades que a dirige, o valor daqueles que caíram, o respeito que lhe merece o seu sacrifício e o assumir da História.

Recordamo-los hoje mais uma vez e juntamo-los, no nosso espírito, aos que caíram por Portugal neste conselho ao longo do Tempo histórico, nomeadamente os que há precisamente 342 anos, quando comandados pelo Marquês de Marialva, garantiam numa vitória histórica a restauração de Portugal.

São os mesmos. São filhos de mães e pais portugueses.

São portugueses que a história, o destino e a sua coragem quiseram que morressem por Portugal.

Borba, junta-se assim hoje, a cerca de duas centenas de lugares ao longo do país que têm monumentos em honra dos mortos caídos na Grande Guerra ou caídos no Ultramar e a mais de duas centenas onde existem talhões e ossários da Liga dos Combatentes.

Cumpre-me, como Presidente da Liga dos Combatentes felicitar o Núcleo de Estremoz, na pessoa do seu Presidente Major Velez Correia, pelo apoio dado a esta iniciativa.

Ao senhor Presidente da Câmara e a toda a população aqui reunida nesta homenagem, apresento os nossos profundos agradecimentos em nosso nome e em nome dos familiares aqui presentes e dos ausentes.

Uma palavra sentida, de profundo respeito, pelas perdas sofridas, deixando-vos uma certeza: - a Liga dos Combatentes jamais deixará esquecer a memória dos vossos familiares e tudo continuará a fazer para que lugares como os que percorremos hoje, não sejam lugares de morte, mas lugares de vida e de apontar de exemplo e de estímulo para a juventude e para todos nós, em momentos de dificuldade, de crise ou de guerra.

A sua memória não será apenas partilhada entre a população de Borba, ela é e será partilhada por todos os que vivem e sentem Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## MEMORANDO DE ENTENDIMENTO COM A ACUP

11 de julho de 2007

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhores

Chefe de Gabinete de S. Exa. o SEDNAM,  
Diretor Geral do Recrutamento Militar,  
Presidente da ACUP,  
Membros da Direção Central da LC

O ato que aqui nos trás hoje é um ato simples, simbólico, mas de bastante significado. A Liga dos Combatentes que há quase um século se preocupa com os combatentes excluídos e mais carenciados, assina hoje um Memorando de Entendimento com a jovem Associação de Combatentes do Ultramar Português (ACUP) tendo como objetivo o desenvolvimento de trabalho comum no âmbito do apoio aos Combatentes sem-abrigo, toxicodependentes ou alcoólicos.

Significa isto que sendo esta área muito específica, muito sensível e complexa a Liga dos Combatentes, não obstante vir ao longo da sua história a desenvolver algum trabalho nesse âmbito reconhece o entusiasmo e sincero desejo de afirmação neste tipo de apoio aos combatentes por parte da ACUP.

Quando nas comemorações do 9 de Abril do corrente ano, na Batalha, afirmámos que era importante, no nosso entendimento, no respeito da identidade de cada uma, a criação de uma verdadeira União das Associações dos Combatentes por Portugal, queríamos assinalar que era importante encontrar pontos de convergência e de diálogo comuns entre as diversas associações e não fomentar a constante procura de linhas de afirmação e protagonismos criadores de antagonismos que dificultam a resolução dos problemas reais dos combatentes.

Por isso o encontro desta linha de diálogo e trabalho comum da LC com a ACUP no âmbito dos combatentes sem-abrigo é uma primeira materialização do conceito que acima referimos. Temos trabalho feito neste campo, área felizmente limitada do universo dos combatentes. Connosco está o senhor Adão da Silva, antigo combatente e ex-prisioneiro de guerra na Índia e um sem-abrigo. Depois de lhe ter sido facultado abrigo nesta casa, é hoje e desde há três anos e meio, um funcionário da Direção Central da Liga dos Combatentes, no Forte do Bom Sucesso, auferindo do seu próprio vencimento. Amanhã, em Faro e numa ação iniciada peia ACUP e já no âmbito deste Memorando de Entendimento as autoridades locais entregarão um combatente sem abrigo à ACUP e LC com a garantia de que a Comunidade Vida e Paz o receberá na sua comunidade em Sobral de Monte Agraço.

São dois simples exemplos do que é possível fazer.

Há que continuar o Plano de Inclusão Social da Liga, nestes nichos da exclusão, agora com o apoio da ACUP que esperamos seja, como o senhor Presidente já me afirmou, mais um verdadeiro Núcleo da Liga dos Combatentes nesta área específica. Continuar a identificar a exclusão na área dos sem-abrigo, despertar sensibilidades e encontrar apoios para a resolução dos problemas é trabalho a desenvolver.

Senhor Presidente da ACUP, senhor José Nunes, sócio N.º 85.504 da Liga dos Combatentes, conhecemo-nos há já quatro anos. Sabe o Sr. Presidente perfeitamente as linhas orientadoras da Liga dos Combatentes e do seu atual Presidente.

Garanto-lhe o cumprimento das linhas programáticas do memorando que hoje assinamos e faço votos para que o mesmo seja respeitado pelas partes e por isso duradouro e fundamentalmente útil aos combatentes sem-abrigo, toxicodependentes ou alcoólicos.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## 72.º ANIVERSÁRIO DO NÚCLEO DE MANTEIGAS E INAUGURAÇÃO DE MONUMENTO AOS COMBATENTES

15 de agosto de 2007

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Manteigas

Exmo. Senhor Bispo de Coimbra Excelência Reverendíssima

Exmos. Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia

Exmas. Autoridades Cíveis e Militares

Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Manteigas

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Caros Combatentes

Como várias vezes tem acontecido, no desempenho destas minhas funções, uma vez mais me encontro no Portugal profundo. Aquele que melhor sabe enfrentar as dificuldades e os desafios que se colocam à sua terra e aos seus, quando se trata de compreender os seus sacrifícios ou de defender o bem comum.

Hoje em Manteigas, nesta natural sentinela serrana, de perfil singular, que a tradição aponta como um dos últimos refúgios dos guerreiros dos Hermínios e em que a História testemunha a passagem de Júlio César, lugar afundado em falésias e desfiladeiros, no meio dos flancos do antigo vale glaciário do Zêzere, Portugal mais uma vez acontece.

Acontece entre gente forte, serrana, dominadora da sua própria geografia e que sempre soube encontrar novas alternativas de vida perante as dificuldades e as circunstâncias.

Os Homens e Mulheres de Manteigas, com a presença e apoio de entidades altamente responsáveis, tocados pelo mesmo sentimento que une a generalidade dos portugueses, decidiram praticar um ato de reconhecimento para com conterrâneos seus, por atos praticados em determinado momento das suas vidas.

Atos de grandes sacrifícios e heroicidade que a uns tirou as vidas e a outros permitiram que possam ainda hoje ser testemunhas diretas ou indiretas desses factos e possam vir aqui hoje e afirmar:

Temos muito orgulho e honra em ter defendido Portugal e as suas populações, num momento difícil da sua História.

Sempre que foi necessário e o poder político entendeu estarem os interesses vitais de Portugal em perigo, alguém teve que estar disponível, como hoje igualmente acontece, para de armas na mão, defender os seus interesses, a sua história, a sua cultura, a sua identidade, a sua integridade.

Quem mais do que nós Combatentes, odeia a Guerra?

Quem mais do que nós, anseia pela Paz?

Quem mais do que nós, ficou marcado por tais circunstâncias?

Quem mais do que nós, se recusa a definir as guerras de justas ou injustas, se nós, combatentes, sabemos bem o que ela é.



Ao contrário do que alguns pretendem fazer crer, não fizemos a guerra pela guerra, nem aquilo que nos trás aqui hoje evoca qualquer saudosismo desses momentos ou vanglória. Testemunha-se hoje aqui e mais uma vez no país, com o regozijo e reconhecimento da população de Manteigas e seus responsáveis, uma profunda gratidão. Através de uma simples obra moldada pelo saber, arte e técnica com que os artistas procuram fotografar os sentimentos mais profundos que tocam as gentes, nos momentos difíceis da sua existência como povo, ergue-se um monumento. Um monumento de granito, arrancado aos blocos de granito da serra e a que o homem deu formas de soldado e nós queremos que seja para sempre um monumento vivo. Que os pais e avós saibam explicar aos filhos e netos e estes transmitir aos seus vindouros, para que a história se faça naturalmente, sem esquecimentos, sem omissões e fundamentalmente sem deturpações ou acusações aos que simplesmente cumpriram um dever

A Liga dos Combatentes que no próximo dia 16 de outubro vai comemorar os seus 84 anos é a instituição do País responsável por todos os Monumentos erguidos em honra dos combatentes da primeira Grande Guerra e da Guerra do Ultramar e são já cerca de 200.

Contrariamente ao que alguns afirmam, estas manifestações que brotam do sentimento profundo das gentes, não são nenhum revivalismo colonialista. Trata-se de revivalismo patriótico e do mais saudável portuguesismo.

O respeito pelas memórias é a garantia do futuro de um povo

Hoje, em Manteigas homenageamos os que se viram em determinado momento das suas vidas, obrigados a deixarem as suas terras, estes montes e vales com mil socalcos de hortejos, estes povoados de vales pirenaicos adormecidos entre tenebrosas falésias e despenhadeiros, ou entre penhas douradas ou águas sulfurosas, para enfim, em desconhecidas regiões longínquas, tropicais e em ambiente de conflito, darem testemunho do seu portuguesismo e do seu patriotismo, nos melhores momentos das suas vidas: a sua juventude.

A esta estátua de beleza natural que é a Serra da Estrela, que a natureza transformou na serra mais elevada de Portugal Continental, junta-se hoje mais um elevado marco espiritual que amplia a sua estatura geográfica, humana e cultural e testemunha serem os homens de Manteigas tão grandes como os maiores que deram e darão a vida se necessário for, por Portugal. É por isso que, o Presidente da Liga dos Combatentes tem muita honra em ser testemunha ocular desta homenagem aos melhores homens de Manteigas e aqui trás o sentimento de todos os combatentes: O sentimento do dever cumprido e por isso o desejo de que, em permanência, lhes seja garantida a dignidade que merecem.

Muito obrigado a todos por terem vindo.

Muito obrigado a todos os que possibilitaram este momento, nomeadamente ao senhor Presidente da Câmara de Manteigas.

Muito obrigado a todos por terem ajudado a, mais uma vez, acontecer História de Portugal, em Manteigas.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## MEMORANDO DE ENTENDIMENTO ANPG/LC

12 de outubro de 2007

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Na impossibilidade de Sua Exa. o Secretário de Estado da Defesa e dos Assuntos do Mar estar presente, agradeço a presença do senhor Chefe de Gabinete do Sr. SEDNAM e da Sr.ª Subdiretora da DGRM do MDN bem como do Sr. Dr. Assessor Jurídico do MDN.

A cerimónia a que hoje vamos proceder, aliás na linha de cerimónia idêntica recentemente efetuada, tem para nós e para a causa dos combatentes bastante significado. Eu diria mesmo bastante significado político e estratégico na atual conjuntura da comunidade combatente.

Agradeço transmita a sua Exa. o SEDAM esta nossa sensibilidade.

Senhor Presidente da ANPG e Exmos. Membros dos seus Corpos Sociais.

Senhores Membros da Direção Central da LC

A razão que nos trás hoje aqui insere-se no esforço que se vem fazendo ao nível da Liga dos Combatentes para o diálogo e entendimento entre as associações de combatentes o qual só tem tido um limite: o cumprimento dos nossos estatutos.

Num curto prazo de tempo é o segundo Memorando de Entendimento que a Liga dos Combatentes celebra com uma outra Associação de Combatentes de âmbito Nacional. Fê-lo com a ACUP com uma finalidade específica e fá-lo hoje com a ANPG no âmbito de objetivos comuns de apoio aos Ex-Prisioneiros de Guerra.

No respeito das identidades próprias é com satisfação que na prática, materializamos e reforçamos a ideia de uma verdadeira União de Combatentes de Portugal.

Gostaria de afirmar também que com a ADFA vimos procurando definir as ações de carácter comum que devemos desenvolver, tendo recebido recentemente a visita de uma delegação da Direção da ADFA e estando previstas futuras reuniões de trabalho para desenvolvimento de ações comuns no âmbito da saúde e de ações a nível das instituições internacionais de que ambos somos membros.

Concretamente com a ANPG, embora o entendimento venha de longe, ao ponto de há cinco anos vir desenvolvendo a sua atividade com a sua sede na própria sede da Liga dos Combatentes, só hoje é possível assumirmos que ficamos mais enriquecidos ao comprometermo-nos publicamente no prosseguimento de linhas de ação comuns em proveito dos combatentes que, além de possuírem tal condição, passaram também pela condição extrema de terem sido prisioneiros.

Têm por isso o nosso especial e profundo respeito e o nosso apoio

Felicitemo-nos e felicitamos a ANPG, pela corajosa, sabemos que difícil, mas lúcida decisão que tomaram.

No que se refere à Liga dos Combatentes comprometemo-nos a cumprir o Memorando de Entendimento que vamos assinar e estamos permanentemente abertos ao diálogo, cientes de que todos conhecemos os estatutos que regem as nossas instituições e aos quais devemos e continuaremos a dever total respeito.

Meus Senhores e Minha Senhora

A Liga dos Combatentes sente-se feliz, enriquecida, mas mais responsável ainda, pela decisão tomada pela sua Direção Central de assinar este memorando e assim ficar mais próxima e mais comprometida no apoio aos combatentes ex-prisioneiros de guerra esperando igualmente destes a continuação do seu apoio e compreensão.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## 84.º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES

20 de outubro de 2007

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Dr. Jaime Gama, muito ilustre Presidente da Assembleia da República.  
Excelência

Para além de termos a honra de termos V.<sup>ª</sup> Ex.<sup>ª</sup> a presidir às nossas comemorações, aceitou V.<sup>ª</sup> Ex.<sup>ª</sup> o convite que lhe formulámos para aqui proferir a alocução tradicional do Dia da Liga dos Combatentes. Agradecemos formalmente ao homem de estado e fraternalmente ao nosso membro, sócio de há anos, a distinção que nos confere. Conhece V.<sup>ª</sup> Ex.<sup>ª</sup> profundamente a nossa instituição, não só por a ela pertencer, mas porque, como Ministro da Defesa Nacional, ter já tido ocasião de a tutelar e apoiar, demonstrando em permanência o apreço que por ela tem.

Exmos. senhores

Ministro da Defesa Nacional

Senhor Ministro da Defesa Nacional da Republica da Guiné-Bissau

Presidente da Comissão de Defesa Nacional

Secretário de Estado da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar

General Chefe do Estado-maior do Exército

Vice-Chefes do Estado-maior da Armada e da Força Aérea

Senhor Diretor do Instituto da Defesa Nacional da Guiné-Bissau

Senhores Almirantes, Generais e Diretores-gerais

Autoridades Civas, Religiosas e Militares

Presidentes e Membros das Associações de Combatentes

Caros Presidentes de Núcleos e Membros da Liga dos Combatentes Membros da

Comunicação Social

Combatentes

O dia 16 de outubro de 1923 representa para nós, membros da Liga dos Combatentes, o início de uma caminhada de solidariedade, cidadania, de defesa dos direitos fundamentais dos cidadãos e de patriotismo que gerações de portugueses, ao longo do século XX, compreenderam, exerceram e aprofundaram de tal forma, que hoje, em pleno século XXI, podemos nós orgulharmo-nos da sua modernidade, da sua atualidade, permanente utilidade e festejarmos a obra realizada pelos que nos antecederam e o 84.<sup>º</sup> aniversário da sua fundação. Por isso nos sentimos profundamente sensibilizados pela presença das mais altas figuras do Estado e das Forças Armadas comungando e celebrando, com humildes cidadãos combatentes, esta festiva efeméride. Ao mesmo tempo que compreendemos a distinção que nos conferem, em meu nome próprio e dos milhares de membros da Liga dos Combatentes agradecemos terem-se dignado estar connosco nas comemorações de mais um aniversário. Neste lugar histórico de Lisboa e do País que a pouco e pouco se vem transformando num lugar vivo dos combatentes de Portugal, queremos para além dos agradecimentos formulados, fazer, passado mais um ano, algumas breves referências àquilo de que nos orgulhamos, àquilo que nos alimenta a esperança e àquilo que nos preocupa.

Orgulha-nos sermos hoje, em termos modernos, os continuadores de um espírito de cidadania, solidariedade e humanitário que sempre percorreu a nossa instituição ao longo da sua história e que hoje vimos ser também objetivo das mais diversas associações da nossa democracia. De tal forma que quem pode apoiar em saúde, financeira ou socialmente, parece esquecer-se que este

sector da população nacional que são os combatentes por Portugal, nomeadamente carenciados, viúvas e idosos, merecem também ser apoiados e não esquecidos. Para não afirmar que deveriam, em termos morais, terem alguma prioridade, neste período da sua vida, pelos valores por que se bateram e pelos riscos que correram em defesa do país. E por isso aqui sublinho e enalteço a atitude filantrópica, humanitária e patriótica do fundador da Liga dos Combatentes senhor João Faria Afonso. Atitudes e valores que a história se encarregou de sublimar e nos levaram a recentemente termos enviado uma proposta ao atual senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, para que o nome de João Faria Afonso, fosse atribuído a uma praça de Lisboa, junto à sede da Instituição que criou. Temos esperança que tal proposta tenha a aceitação que julgamos merecer.

Continuamos hoje a ser dignos das gerações de combatentes que nos precederam. A nossa história é não só a história da luta permanente pela atenuação das consequências, sobre o combatente português, dos conflitos violentos em que Portugal participou ao longo de todo o século XX, mas também a exaltação dos seus valores e a defesa da sua dignidade. Ao contrário da condição humana em que o tempo é fator de desagregação, em instituições como a nossa o tempo permite tornar-se fator de rejuvenescimento e renovação permanente. É assim que não obstante os nossos 84 anos, vimos aderir no último ano 2000 novos membros e serem criados quatro novos Núcleos, em Belmonte, Reguengos de Monsaraz, Loulé e Vila Real de Santo António para além da ampliação dos Núcleos de Angra a Praia da Vitória e do Entroncamento a Vila Nova da Barquinha. Materializámos duas novas delegações, uma no Canadá e outra em França. Somos igualmente testemunhas, nos últimos quatro anos, de um despertar por parte das populações e autarquias no apoio ao levantamento de monumentos aos combatentes. Até 2003 existiam no país 53 monumentos aos combatentes do ultramar. Esse número duplicou em quatro anos atingindo hoje os 100 monumentos. Vimos, igualmente aumentado o número de talhões e ossários, com o apoio das câmaras locais.

A imagem da nossa Instituição, que se quer sempre relevante e renovada, vem sendo difundida, de forma ímpar, através da imprensa local no seu apoio aos Núcleos, mas também através de um site da Liga atualizado e dinâmico, de uma revista trimestral apreciada pelos sócios, de programas periódicos na RTP2-Sociedade Civil de que somos um parceiro, de programas rádio e revistas dos próprios Núcleos. Parece-nos estarmos a ser vistos como uma Instituição não do passado, de uma determinada guerra, mas uma instituição do presente e do futuro, congregadora dos sentimentos do soldado português, seja qual for o conflito em que teve ou tenha de participar, ao serviço do seu país. Na prossecução do Objetivo que publicamente já havíamos enunciado, da criação de uma verdadeira União dos Combatentes de Portugal, temos a satisfação de referir que foram recentemente assinados Memorandos de Entendimento entre a Liga dos Combatentes e a Associação dos Combatentes do Ultramar Português e entre a Liga dos Combatentes e a Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra. Com a primeira e em parceria com a Comunidade de Vida e Paz no âmbito do apoio aos combatentes sem abrigo, toxicodependentes ou alcoólicos. Por isso temos connosco hoje alguns combatentes sem abrigo que se encontram naquela Comunidade Vida e Paz, no caminho da inserção social e comungam connosco este dia festivo.

Com a Associação Nacional de Prisioneiros de Guerra acordámos a concretização de objetivos comuns e em apoio dos ex-prisioneiros de guerra. Continuamos atentos ao diálogo com outras Associações. Para além do prosseguimento do Plano de Ação que definimos para o triénio 2005-2008 continuámos o esforço no cumprimento dos Programas Estruturantes. Estes Programas estruturantes só tem sido possível serem desenvolvidos com o apoio do Ministério da Defesa Nacional. São eles o Programa Liga Solidária, Cidadania Cultura e Defesa, Conservação das

Memórias e Inovação e Modernização. O programa Liga Solidária que tem como Objetivo prioritário a construção de quatro casas de combatentes no Norte, Centro e Sul do país e o apoio aos combatentes mais carenciados, tem a sua viabilidade imediata nas mãos do Ministério da Segurança Social. Temos os terrenos cedidos pelas câmaras e as respetivas escrituras, os projetos e com eles concorreremos pela segunda vez ao Programa PARES.

Os Combatentes idosos que deram a juventude ao país não têm sido merecedores, nos critérios de análise, de um fator específico que tenha a sua condição em consideração. O apelo que aqui fazemos veementemente a Sua Ex.<sup>ª</sup> o Ministro e Secretário de Estado da Segurança Social é que chamem ao nível político os processos entregues pela Liga dos Combatentes, lhes deem o tratamento que julgamos merecerem, os complementem com outras sugestões ou soluções e que não deixem “morrer na praia” os Combatentes idosos carenciados. A atribuição, no critério de análise dos serviços, de pontos por participação ou não em reuniões ou mais pontos para quem menos pediu, dá-nos moral para pedir pontos para quem combateu por Portugal. Do Programa Cultura Cidadania e Defesa, para além dos programas culturais levados a efeito, salientamos a continuação da recuperação do Forte do Bom Sucesso retirando-o do estado de degradação em que se encontrava instalando nele o Museu do Combatente e tornando-o um lugar de cultura, de convívio de combatentes e de relação do combatente com a população em geral.

O Programa Inovação e Modernização através do qual tem vindo a ser possível introduzir na Liga os meios indispensáveis ao funcionamento de uma organização à sua dimensão. Finalmente o Programa Conservação das Memórias que tem por objetivo prioritário a dignificação dos lugares espalhados pelo mundo onde se encontrem inumados militares portugueses e caídos nos conflitos em que Portugal esteve envolvido. Conhecida a situação na Europa foi dada prioridade a África.

Localizar, identificar, concentrar e dignificar os locais de concentração no país onde se encontram, é missão da Liga no cumprimento de um objetivo político nacional. Face ao trabalho desenvolvido no âmbito deste programa é possível hoje conhecer a dimensão do problema. Em África temos 3301 militares inumados em 481 lugares diferentes dos países de Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde e S. Tomé. Hoje temos a honra de ter connosco uma representação da Republica da Guiné-Bissau chefiada por Sua Exa. o Ministro da Defesa Nacional que mostrou todo o interesse em pessoalmente estar presente na assinatura do Protocolo que o Instituto de Defesa Nacional da Guiné-Bissau e a Liga dos Combatentes vão seguidamente assinar no âmbito do Programa Conservação das Memórias.

Uma vez assinado este protocolo estaremos em condições de prosseguir os objetivos acordados e desenvolver o plano já estabelecido para os militares inumados na Guiné. É um marco histórico e muito significativo no desenvolvimento deste programa estruturante pelo que nos congratulamos por termos chegado a acordo numa matéria muito sensível e que toca profundamente os dois povos. Finalmente uma palavra sobre o que nos preocupa. Preocupam-nos os problemas levantados pela lei 9/2002. Preocupa-nos o funcionamento da Rede Nacional de Apoio e o apoio social às viúvas de combatentes e a combatentes idosos. Preocupam-nos as eventuais medidas que possam desvirtuar a essência da condição militar tão intimamente ligada à condição de combatente.

Meus Senhores e minhas Senhoras

Após estas cerimónias convido V.<sup>ª</sup> Ex.<sup>ª</sup> a visitar o Forte do Bom Sucesso, onde se encontram interessantes exposições para a realização das quais recebemos apoios das Chancelarias das

Ordens Honoríficas, do Museu da Presidência da República, do Estado-maior da Marinha, da Força Aérea e Exército a quem muito agradecemos.

Terão também oportunidade de visitar uma mostra da situação referente ao Programa Estruturante Conservação das Memórias e Liga Solidária. Permito-me salientar três eventos previstos para realizar no Forte num futuro próximo: Comemoração dos 200 anos da guerra peninsular, a exposição “Os Lusíadas no Forte” em novembro e dezembro. Termino testemunhando a todos e em especial aos combatentes membros da Liga dos Combatentes, Direções de Núcleos, Direção Central e todo o pessoal que nela presta serviço a honra que sinto em ser seu Presidente e com todos continuar a aprofundar o voluntariado, a cidadania, a cultura, a história, a solidariedade, a inclusão social, o patriotismo, a defesa da dignidade dos combatentes vivos e a honra permanente aos combatentes mortos.

Para estes a minha última reflexão poética que designei por: Memória

*Ó memória  
Retira da sombra  
A Glória  
Dos que caíram!  
Ilumina a penumbra  
Da história  
Dos que partiram!  
A Geração de Vitória  
Venceu!  
Não pode esquecer  
Os que perdeu.*

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## 84.º ANIVERSÁRIO DO NÚCLEO DE CASTELO BRANCO E INAUGURAÇÃO DE MONUMENTO

15 de dezembro de 2007

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhores

Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco

Presidente da Junta de Freguesia de Castelo Branco

Autoridades Cívicas Militares e Religiosas

Caros Combatentes e Membros da Liga dos Combatentes

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Hoje, dia 15 de dezembro de 2007, nesta histórica cidade de origem hispano-romana, nascida no cerro da Cardosa, da junção de Mancarche com Vila Franca da Cardosa, onde os Templários erigiram um velho Castelo, na transição das Beiras com o Alentejo é um dia de verdadeira evocação de toda a sua história e dos seus maiores.

Para além de comemorarmos o 84º aniversário do Núcleo de Castelo Branco da Liga dos Combatentes que ao longo de todo o século XX até aos nossos dias, prosseguindo valores patrióticos e humanitários, sempre sustentou e foi exemplo do culto daqueles que, entre os seus pares, assumiram o maior risco e por vezes por eles deram a vida escrevendo História, queremos também deixar um marco público do respeito que nos merecem os que se bateram por Portugal.

Quis a coincidência que se juntassem no Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes esta condição e as de um albicastrense, nascido algures numa medieval casa da rua d'Ega e que fez a sua juventude vivendo lado a lado com a história, percorrendo as plataformas do Castelo e as ruas da velha cidade, do Mercado, da Caleja, de Santa Maria e dos Ferreiros. a par dos recantos do velho liceu, da Praça Velha ou dos jardins do Paço.

Não posso, porém, deixar de recordar que a caminho do novo liceu percorria a parte nova da cidade, a mais central movimentada, acompanhando o passeio público até aos Paços do Concelho a que fora dado o nome de Av. dos Combatentes da Grande Guerra e Campo dos Mártires da Pátria.

Não sinto, porém, que seja comum em Castelo Branco a existência de padrões ou monumentos que por essas rotundas ou praças públicas revelem os sentimentos e feitos albicastrenses face aos acontecimentos históricos recentes ou passados.

Há precisamente duzentos anos que se viviam nesta terra e no país momentos terríveis de verdadeiro risco de sobrevivência como povo independente. Chegou-se à vitória. Mas os monumentos da cidade que restam dessa vitória do povo em armas, é ainda o próprio património monumental decapitado.

Por isso, hoje em Castelo Branco, volta a acontecer história.

Hoje em Castelo Branco não há, porém, uma inauguração propriamente dita.

Hoje, há a reconciliação dos combatentes com a cidade e da cidade com os combatentes.



Quando há anos alguém decidiu esconder no cemitério, aquilo que até então era uma homenagem pública ao sacrifício exigido a alguns albicastrenses na defesa do país, ao longo dos tempos não se deu conta de que a história se não apaga e que só se é grande quando se assumem as virtudes os erros e omissões dos outros, para deles partir à conquista dos grandes objetivos por que aspiramos.

Hoje em Castelo Branco resultante da convergência de vontades de sectores significativos da sua população, do senhor Presidente da Câmara de Castelo Branco e do Núcleo da Liga dos Combatentes, uma praça acolhe um símbolo, um padrão que o tempo se encarregará de perpetuar pela ação dos homens e mulheres que aqui passarão a vir homenagear os seus maiores ou a explicar aos seus filhos e netos o seu significado. É esse o nosso desejo. Que este seja mais um monumento vivo.

Por isso felicito o senhor Presidente da Câmara pelo impulso dado a esta iniciativa que certamente calará fundo nas gentes albicastrenses e sobretudo nos combatentes de hoje e do futuro, ao verem assinalado de forma singela, mas digna e duradoura, o esforço dos que um dia se bateram por Portugal.

Que este monumento, promova a evocação dos nossos maiores, vivos e mortos, particularmente daqueles que com muitos de nós sofreram os mesmos riscos algures nas matas e savanas africanas. Ao mesmo tempo nos permita a partilha de memória e respeito por aqueles que connosco se confrontaram e com quem devemos partilhar hoje as lições da história. Por forma a que aqueles que ontem estiveram connosco frente a frente e estão hoje connosco lado a lado não voltem jamais `à confrontação violenta.

Permitam-me que cite, a propósito, um poema no nosso António Salvado, intitulado: Após o Combate

*De olhos fechados... eles vigiam-se  
desfeitos quase em pó... e lado a lado  
sucumbidos ao longo da metralha*

*Difícil distinguir ali estendidos  
Naquela solidão feroz terrível  
Quais os amigos... quais os inimigos.*

Meus senhores e minhas Senhoras

Nesta cidade planalto, bastião central e vigilante da Beira Baixa, a quem podem retirar tudo, menos o horizonte que nos transporta a terras distantes e a sonhos albicastrenses, coloca-se aqui um padrão aos valores pelos quais vale a pena lutar e, conseqüentemente, abre-se um sulco profundo a percorrer pela memória do passado, no presente e no futuro das gentes de Castelo Branco.

Hoje, Portugal mais uma vez acontece na minha Terra Natal.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## MENSAGEM DE NATAL

20 de dezembro de 2007

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Enveredar pela subjetividade?! O Natal do Espírito?

Tentar a objetividade?! O Natal do Mundo real?

Dirigir a mensagem a Quem?!

A Deus?!

Aos Governantes?!

À Família Combatente?!

Deus, sabe o que queremos e o que fazemos

A Família Combatentes sabe por que lutamos!

A mensagem deste nosso Natal é para os Governantes.

Não para os que nos têm apoiado, nos conhecem e têm o nosso reconhecimento.

Mas para aqueles que poderão contribuir para que o Programa Estruturante Liga Solidária seja uma realidade, aprovando os nossos Programas, melhorando os Natais de Combatentes carenciados.

A Segurança Social é algo que falta a muitos Combatentes idosos e a muitas viúvas.

A nossa mensagem de Natal é um grito de esperança nesses governantes e no futuro desses Combatentes e dessas viúvas. Não perdemos a esperança ...! Em Época de Natal ... redobra.

A toda a Família Combatente e aos Membros da Liga dos Combatentes em particular os nossos desejos do melhor Natal possível.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general